

PANEMA SOB O VIÉS DA ETNOGRAFIA

Por Gislaine Pagotto - <http://gipagotto.weebly.com/>
(Mestranda pelo Programa em Artes Visuais pela linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos pela UDESC)

1__ Isto é um diálogo territorialista?¹

2__ Não sei. Mas estou Panema aqui em alguns momentos... Significo um sonho em que a menina corre com as mãos apoiadas sobre o chão para correr rápido, provavelmente para fugir de alguma coisa ou de alguém.

1__ Hum, eu vou devagar panemando e panemo se fosse um verbo... Panemar:

Eu panemo

Tu panemas

Ela(e)(x) panema

Nós panemos

Vós panemai

Ela(e)(x)s panemam

...

Mas, acima de tudo, a qualquer um é estado de corpo que se materializa num corpo possível, uma linha de escape/fuga, algo indefinido e inacabado em constante construção. Corpo que transita entre margens não-binárias e se insinua no espaço para com ele compor outras paisagens, transbordando marcadores de gênero ao dispensar uso de artigo definido: *a* (artigo feminino) ou *o* (artigo masculino). Corpo que mesmo de modo efêmero marca territórios – seja através de performances, vídeos, fotografias, áudios – e é marcado por eles subjetivamente ao ocupá-los e registrá-los em imagens recortadas. Ainda que de forma diferente em relação ao que entendemos como os animais marcam territórios, Panema dialoga com esses lugares de exposição/cenário e com expectadores/participantes².

Quando panemo, os gestos de Panema assumem um diálogo possível com o título, o qual trata de um(?) locutor(?) que não encontra-se em primeira pessoa. Eu, *a* artista, não me coloco como Panema e não coloco Panema como eu. No entanto, faço a proposição, tenho atuado como Panema, dirijo a cena e vejo depois Panema, considerando aspectos visuais e discursivos daquilo que a própria imagem apresenta.

As proposições são intituladas com o cuidado de sugerir o presente como tempo verbal e ao mesmo tempo permeabilidades em determinados contextos. Para cada proposição – seja vídeo, fotografia, performance, áudio – há um título que sugere marcar presença em lugares e períodos específicos, tais como:

¹ A primeira pergunta talvez seria: Isto é um diálogo? Considerando, por exemplo, o texto por ele mesmo, os travessões de falas com sujeitos algumas vezes ocultos, meu território de escrita e o seu de leitura etc. A palavra território utilizada no texto, por sua vez, refere-se a um lugar de fala e escuta o qual considera quem diz/escuta, para/de quem, onde, quando, como e por que.

² Diálogos com comunidades locais ou atravessamentos de culturas e fronteiras.

Panema sem fronteiras

pesquisa em desenvolvimento

território: Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC, Florianópolis/SC³

Atualmente, Panema faz parte de um projeto chamado *Panema sem fronteiras*, aprovado pelo curso de mestrado em Processos Artísticos Contemporâneos sob orientação da profa. Dra. Marta Martins, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais no ano de 2016 – do Centro de Artes da Universidade do Estado de Santa Catarina – incluindo, assim, a cidade de Florianópolis como cenário, lugar de fala/ação e possíveis interlocuções junto da Universidade, afim de criar narrativas e investigar procedimentos físicos e visuais do desenvolvimento do corpo de Panema e refletir sobre aspectos cenográficos, sociais e imagéticos do(s) lugar(es) onde Panema apresenta-se e de onde é vista(o)(x). Supõe-se que espaços públicos e privados atuem como cenário, lugar de fala/ação, considerando a cena e também o ponto de vista, o lugar do observador/câmera. Assim, como naturalizamos as coisas a partir de uma espécie de “adestramento” em espaços e períodos específicos? Quais as possíveis relações com o social? Seria possível encontrar uma *fronteira variável* entre paisagens, corpos ditos normais e corpos desviantes a partir das imagens que se propõe? Sugere-se, contudo, investigar maneiras habituais que o corpo de Panema pode encontrar através de treinamentos contínuos, visando aperfeiçoar certas habilidades através de estímulos repetidos por meio de linguagens artísticas dialogando com a arte contemporânea, “natureza(s)” e possíveis dispositivos de controle de corpos.

Panema em direção ao Norte

vídeo full hd, col., som, 4'30", 2013-2015

disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126072653>

território: Residência dos Artistas na Floresta Nacional de Ipanema⁴, Iperó/SP

Uma narrativa contada a partir da Floresta Nacional de Ipanema em ocasião de uma residência artística⁵ em 2013 com duração de dez dias de imersão no espaço. E, neste caso, o Norte é apenas referência a uma das diversas histórias que eu ouvi por lá sobre a suposta origem da palavra *desnorteado*.

De acordo com um dos monitores que acompanhou o grupo de artistas do qual eu fazia parte mostrando-nos o espaço com suas arquiteturas (de diferentes épocas) e especificidades, ele apontou para as direções em que as casas eram construídas. Além das diferenças arquitetônicas, cada construção era voltada para uma direção diferente. O moço nos contou que a razão dessa

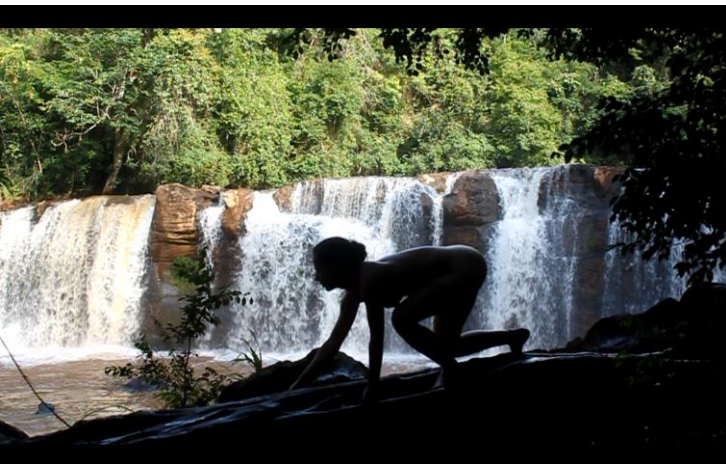
³ Os títulos e as legendas sou sempre eu quem fala, a artista, dispensando assim uso de travessões.

⁴ A Floresta Nacional de Ipanema consta de muitas histórias, lendas e pouca documentação histórica, salvo a arquitetura a qual abriga diferentes épocas e memórias desde a segunda metade do século XIX. A Floresta Nacional de Ipanema, conhecida também como Flona de Ipanema, é uma Unidade de Conservação Federal administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

⁵ <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/11/ig_paulista/128224-grupo-de-artistas-ficara-internado-10-dias-para-produzir-uma-obra-inedita.html> + <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/517388/residencia-dos-artistas-na-flona-de-ipanema>, acesso em 04/07/2017.

variedade estava contida em cada época, pois antigamente (visto que a atual Floresta de Ipanema era a antiga Fazenda Ipanema, em vigor desde os anos 1800) como não havia luz elétrica, as pessoas construíam suas casas voltadas para o norte, afim de aproveitar o máximo da luz solar. Porém, aqueles menos instruídos, não tinham conhecimento suficiente e acabavam construindo suas casas de qualquer maneira. Então os homens sábios e instruídos eram chamados de norteados, enquanto os outros eram os desnorteados. Por essa razão, esse foi o título do vídeo *Panema em direção ao Norte*. Nele, Panema caminha *desnorteadamente* sem chegar a lugar algum.

Panema sem seu pingente



território: cachoeira na cidade de Mandaguari/PR

O título deste trabalho seria *Panema à procura de seu pingente*, no entanto, parece que esse título seria futuro demais para Panema, bem como com valor de objetivo, função, coisa que Panema não costuma fazer, aliás Panema faz nada. Então Panema me disse:

2__ Eu estou sem o colar, pouco diferente por isso, eu sei, mas é estado de estar.

Panema treinando

vídeo full hd, col., som, 37" 2013-2015

disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126142976>

território: Residência dos Artistas na Floresta Nacional de Ipanema, Iperó/SP

Panema treinou porque considerei necessário que aprendesse a andar e ter um domínio da caminhada para depois ir pegando mais velocidade e quiçá um dia aprender a correr... Como no sonho da menina que corre desse jeito para correr rápido.

Com amplo espaço para experimentação, desejo de correr sem ter um ponto de chegada e a descoberta do próprio corpo a partir de um determinado estado físico, iniciei um processo de pesquisa e comecei a treinar todos os dias uma posição a qual eu pudesse fazer repetidas vezes. Ipanema vem do nome *panema* e, de acordo com os próprios moradores da região, a palavra

significa algo infértil, a terra que não produz, o rio que não dá peixes, a árvore que não dá frutos. Refletindo sobre sua “inutilidade”, achei o nome muito pertinente para meu corpo nesse estado físico que eu acabara de descobrir, e isso por quatro motivos a priori: 1- Foi lá neste lugar com esta história e contexto que aquele corpo nascia. 2- O sonho da menina é uma ficção; 3- A arte não serve para nada especificamente e 4- é um nome que dispensa uso de artigo definido (a ou o).

Panema conhece Shoyu, o cachorro

vídeo full hd, col., som, 1'10", 2014-2015

disponível no Vimeo: <https://vimeo.com/126781895>

território: casa dos meus amigos, Maringá/PR

Fiquei profundamente assustada com a reação do cachorro que me viu panemando na casa dele (ou de seus donos, no caso). Shoyu, um animal dócil, latiu agressivamente para Panema ao aproximar-se da entrada da sala de sua casa. Fiquei pensando qual seria seu estranhamento. Será que eu estava numa posição que competia à dele?

Panema em quatro estados

exibição de três vídeos e uma performance

Panema na Capela Santa Maria
em noite de Sexta-feira Santa

às 19:37

Toca da Coelho

Gislaine Pagotto mostra “Panema” no Festival

3 de abril de 2015

Por Rachel Coelho

Nesta sexta-feira a maringense Gislaine Pagotto estreia no Festival de Curitiba, participando da segunda edição da Mostra Sonora Cena. Ela apresenta “Panema em quatro estados”, que consiste na exibição de vídeos e na realização de uma performance na Capela Santa Maria.

II MOSTRA SONORA CENA
DE 31 DE MARÇO
A 05 DE ABRIL

na Capela Santa Maria - Rua Conselheiro Laurindo, 273
shows R3 12, e R25. Instalações/Performances
e Eventos na Rua: entrada franca.

31/03
19h Instalação/Performance #1
são delícias empagadas, de Ricardo
Coelho
20h Show #1
Amis Malsabli e Quebrada Trio -
Freakmusic TupiNaiim dos tempos
Novos de Agora

01/04
20h Show #2
Tribuna de Frutas - CHANTI, CHA-
RANGO?

02/04
19h Instalação/Performance #2
desafios - escultura relampago
de Fella Varela e Marcelo Marinho
20h Show #3
Venezia - Map of The Limbo

03/04
19h Instalação/Performance #3
Panema em quatro estados, de
Gislaine Pagotto
20h Show #4
Indochy Rodriguez - Caros Outros

04/04
19h Show #5
Julien Guimarães - Vouto
19h Instalação/Performance #4
Ade o momento dos sonhos o
pomo, quem sabe depois, de Luana
Naveiro e Luciano Faccini
20h Show #6
8500 - mentras

05/04 - Rua São Francisco
16h Evento na rua #1
Simone Magalhães - Por que não
tem aquela festa?
18h Evento na rua #2
C. A. Pozzerinho - Sarau

realização
ACQUAVIVA
TEATRO
ESATIVES

Agende-se!

abril 2015						
D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		
« mar			maio »			

Tópicos recentes

- [Doppelgänger – o mito do duplo](#)
- [“Fragil” – a vida é um sopro](#)
- [Foca no Foca](#)
- [O último xetá? nas bibliotecas](#)
- [Maringá em cena](#)

Arquivos

- [fevereiro 2016](#)
- [maio 2015](#)
- [abril 2015](#)
- [março 2015](#)
- [fevereiro 2015](#)
- [janeiro 2015](#)

Bacharel em Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (Embap/2011) e especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Paraná – Câmpus Embap, Gislaine vai mostrar a pesquisa que vem desenvolvendo desde o final de 2013, quando foi selecionada para uma residência de dez dias em Iperó / SP.

“Comecei a trabalhar com vídeo em 2011. Junto com isso, vim pensando também em tudo o que há por trás dos vídeos: o corpo, os gestos possíveis, extrapolando a questão do gesto literal, mas pensando no gesto enquanto uma ação/intenção e levando em consideração o contexto da época. No final de 2013 fui aprovada num edital de residência em Iperó/SP. Lá mesmo, nessa época, surgiu Panema, muito por conta do lugar em que eu estava inserida: Floresta Nacional de Ipanema. Ipanema vem do nome Panema e Panema significa algo infértil, a terra que não produz, o rio que não dá peixes, a árvore que não dá frutos”, explica.



“Panema treinando”

Panema é um corpo construído a partir de um treinamento em que a artista experimentou andar com as mãos apoiadas no chão, a exemplo de como andam os macacos. Mas Panema também não é um bicho, embora conecte-se com a natureza e não seja um corpo vestido.

O amplo espaço para experimentação, o desejo de correr sem ter um ponto de chegada e a descoberta do próprio corpo e de um determinado estado físico foram importantes para o processo de pesquisa, além de questões místicas que a artista comenta: “Vinha muito de uma memória que eu resgatei de um sonho que eu tive repetidamente em que eu corria desse jeito para correr rápido, provavelmente para fugir de alguma coisa, de alguém. Era sempre no mesmo carreador lá do sítio onde eu morava. Depois que eu comecei a desenvolver esse trabalho eu não sonhei mais”, diz.

O primeiro vídeo de uma série que segue sendo feita é “Panema treinando”. É o início do processo, a descoberta do corpo e de qual a maneira mais adequada de conduzi-lo no espaço. “Percebi algo que foi muito importante: a necessidade de adaptação do instrumento de trabalho para desenvolver determinada proposição. Então, antes de começar a correr, eu precisava primeiro aprender a andar e ter um domínio da caminhada para depois ir pegando mais velocidade. E foi isso que eu fiz: comecei a treinar todos os dias uma posição que eu pudesse fazer repetidas vezes”.



“Panema em direção ao norte”

Além desse, há “Panema em direção ao norte”, também gravado durante a residência artística em Iperó; “Panema conhece Shoyu, o cachorro”, gravado em Maringá e outros dois vídeos gravados em Marialva e Mandaguari, mas que foram perdidos junto com um computador que pifou. Os vídeos são independentes, porém criam relações de similitudes entre si.

- [dezembro 2014](#)
- [novembro 2014](#)
- [outubro 2014](#)
- [setembro 2014](#)
- [agosto 2014](#)
- [julho 2014](#)
- [junho 2014](#)
- [maio 2014](#)
- [abril 2014](#)
- [março 2014](#)

Estatísticas do blog

- 9,946 cliques



“Panema conhece Shoyu, o cachorro”

A performance que será apresentada no festival está sendo chamada de “Panema na Capela Santa Maria em noite de Sexta-feira Santa” e também deverá ser filmado para dar continuidade à série.

Serviço:

“Panema em quatro estados”, de Gislaïne Pagotto.

Dia 3/4 a partir de 19h na Capela Santa Maria (Rua Conselheiro Laurindo, 273).

Entrada franca.

Partilhar isto:

[Publique Isso](#) [Twitter](#) [Facebook 218](#) [G+ Google](#)

[Reblogar](#) [★ Curtir](#)

Seja o primeiro a curtir este post.

Relacionado

Ator maringense faz participação em espetáculo do RJ
Em "Santo de casa"

Flávio Magalhães se apresenta em Curitiba
Em "Agenda"

Relato de experiência
Em "Santo de casa"

Esta entrada foi publicada em 0, 3 \03\UTC abril \03\UTC 2015 às 1:43 e marcado com Agenda, andanças, atores maringenses, Curitiba, Festival de Curitiba e publicado em Agenda, Andanças, Dicas, Maringá encena, Notícias, Santo de casa. Você pode seguir quaisquer respostas para esta entrada através do feed RSS 2.0.

« Cia. Pedras faz três apresentações no Fringe

Luana Navarro na Sonora Cena »

Deixe um comentário

Insira seu comentário aqui...

RSS

1__ Panema percorreu, por fim, sobre um mezanino que havia em frente à projeção pontualmente no horário marcado. O mezanino, com a projeção, ficava num lugar alto em relação ao chão, que é de onde as pessoas tinham acesso e, como estava escuro e ninguém sabia ao certo por onde Panema caminharia, poucas pessoas viram a ação, pois houve agilidade e cenário longínquo e desconhecido. Aqueles que viram apontaram para Panema dizendo “ali ó, está ali...”. Eu ouvi. Infelizmente, faltam imagens que comprovem sua presença devido à incapacidade técnica da câmera que acompanhou o processo.

Eu havia comprado um livro em São Paulo durante a Bienal em 2014, quando entrei na Livraria Cultura à procura de algo que pudesse contribuir com minha pesquisa. Após visitar as sessões de Artes Visuais, Teatro, Dança, Cinema, Literatura, debrucei-me na sessão de animais e encontrei o livro “Treinamento de cães: uma visão inovadora para treinamentos de animais”, de Carlos da Terra. Eu nunca li este livro mas ele me abriu uma possibilidade de indagação, como por exemplo: como naturalizamos as coisas a partir de uma espécie de adestramento em espaços e períodos específicos? Eles (o livro e a pergunta) me acompanham ainda hoje...

Panema participa do Salão Nacional Victor Meirelles



Nesse dia, percebi olhares de curiosidade sobre algo que parecia ser estranho e recebi comentários posteriores do tipo: “Que forte isso, hein! Coragem”. Além de muitos *flashs*...

4__

⁶ Jornalista e produtora cultural residente na cidade de Maringá/PR. Entrevista disponível em < <https://tocadacoelho.wordpress.com/2015/04/03/gislaine-pagotto-mostra-panema-no-festival/>>, acesso em 04/07/2017.



foto de Sandra Alves⁷

território: XI Salão Nacional Victor Meirelles, Florianópolis/SC

Panema subverte a lógica do biopoder através do Bioestéticas

1__ Eu gostaria muito de ouvir o que Panema teria para dizer sobre essas noções de biopoder e biopolítica, então propuz um diálogo. Como troca, eu emprestaria meu corpo, minha voz, e Panema topou. Claro que Panema não falaria sobre essas questões, pois nem deve saber que significam essas coisas, bem como não se interessa muito pela utilidade e porquês das coisas. Mas eu, como artista que venho estudando Michel Foucault há alguns anos e outros tantos filósofos, teóricos, historiadores, entendo Panema como um corpo o qual subverte a lógica do biopoder mesmo que não saiba, através de seu estado, seu discurso e suas ações. O título é meu e eu assumo as responsabilidades dele. Mesmo tendo minhas impressões sobre Panema e alguns conceitos que eu mesma formulei, pois afinal a proposição é minha e eu também me coloco como Panema muitas vezes, eu gostaria de escutar o(a)(x) outro(a)(x) um pouco. Sendo assim perguntei para Panema: Que é ou quem é você, afinal? E Panema respondeu para mim:

2__ Estou Panema. Costumam me significar etimologicamente como algo que não serve para nada, algo infértil ou ainda, para determinadas culturas, uma espécie de praga, mau agouro e por isso tentam me extinguir através de rituais para processos de cura. Costumo ser bastante resistente e se me matam num corpo, procuro outro. Tenho estado na arte contemporânea e,

⁷ Artista e pesquisadora, residente na cidade de Florianópolis/SC.

neste contexto, quanto ao seu corpo feminino que venho utilizando, entenda-o como quiser, mas ainda assim tenho sido da ordem do inclassificável, ou ainda, nem tenho ordem. Tenho estado de ser que nega⁸ qualquer artigo que pretenda me definir. Não pretendo chegar a lugar algum, os lugares por onde caminho costumam ser suficientes, não preciso de muito. Dizem que aparento certa animalidade. Tenho estado bem dócil e nunca mordi ninguém, não costumo demonstrar agressividade, mas mesmo assim pessoas me olham estranho. Costumo dispor de tudo que preciso: seu corpo e um lugar – nenhum deles me pertence, eu não preciso tê-los e tanto faz aquele ou aquilo que diz controlar-me. Aliás, abstenho de qualquer responsabilidade quanto aos que se dizem Panema. Acho desnecessário, inclusive, dizer o que sou ou quem sou, pois estou algo indefinido e inacabado, posto que em constante construção.

texto apresentado como áudio

território: Colóquio Bioestéticas, UDESC, Florianópolis/SC

5__ Que Panema come?⁹

Panema não faz gênero, mas quem panema sim

6__ Que é Panema? ¹⁰, é a pergunta disparada pela presente proposição artística/performativa que visa, entre outras coisas, problematizar questões relativas à disciplinarização do corpo. Corpo, entendido aqui como peça fundamental para desconstruir e subverter a lógica biopolítica que o dociliza na tentativa de adequá-lo a normas e padrões dos quais ele, inevitavelmente, escapa sem cessar. Panema, de algum modo, é uma materialização possível dessa linha de escape/fuga, algo indefinido e inacabado, posto que em constante construção. Panema é corpo que transita entre margens não-binárias, é corpo que se insinua no espaço para com ele compor outras paisagens, é corpo que transborda os marcadores de gênero ao exalar uma certa animalidade da ordem do inclassificável. Dispensando o uso do artigo definido, Panema não é precedido por a (artigo feminino), nem por o (artigo masculino). Tal opção é estratégia política de não-enquadramento de gênero. Estratégia que abre a percepção e o pensamento para o estranhamento, criando um encontro possível com a alteridade elevada a uma potência animal, uma outridade que convoca também a animalidade que nos constitui. Panema é corpo-outro, é materialização de um corpo possível.

resumo em co-autoria com Roberta Stubs¹¹ aprovado para apresentação

território: 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11¹², UFSC, Florianópolis/SC

⁸ Atualmente, opto pela palavra *dispensa* ao invés de *nega*.

⁹ Um moço pesquisador da área da Literatura me perguntou. Eu não tenho a resposta mas me instiga a pergunta.

¹⁰ Ontem um amigo que eu acabara de conhecer, o Geórgio (aluno de Teatro pela UDESC e formado em Letras pela UFSC), me disse que conhecia Panema. Perguntei se ele havia visto e ele disse que pessoalmente não mas que ele viu imagens no Facebook de Panema. E continuou... “pelo nome, Panema parece uma entidade. Não é, pois, como Maria, Elena ou tantas outras personagens mais comuns de uma ficção, é como se fosse nome de uma coisa maior”.

¹¹ Artista, pesquisadora e professora efetiva do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

¹² 13º Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero 11 será realizado na Universidade Federal de Santa Catarina entre os dias 30/07 a 04/08/17. Segue link do evento: < <http://www.fazendogenero.ufsc.br/www2017/>>, acesso em 04/07/17.

Panema e as mina

7__

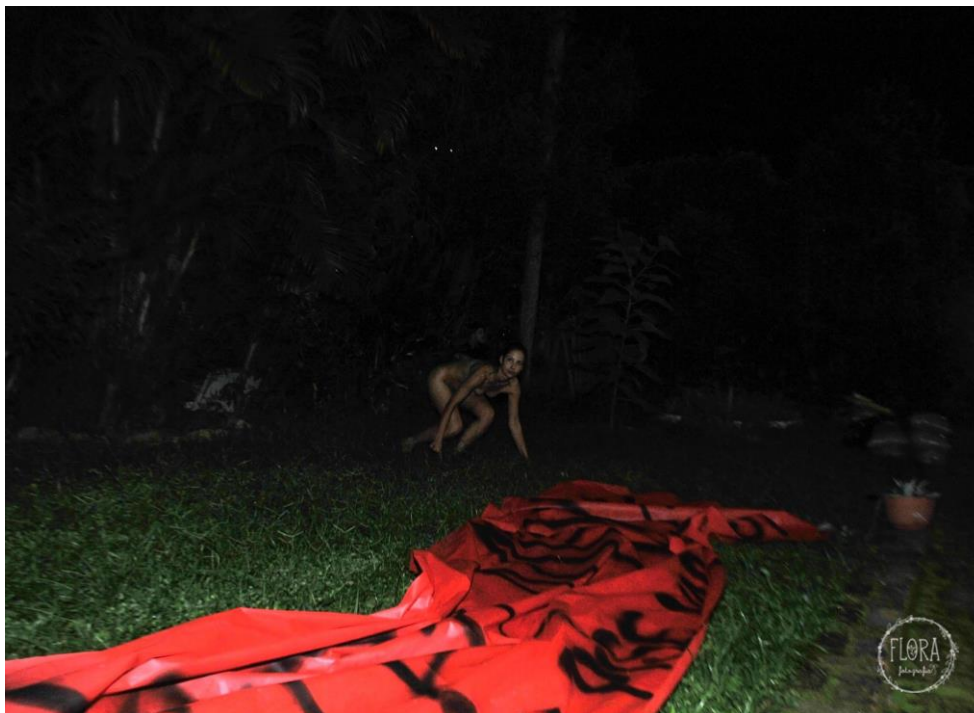


foto de Flora Fotografia

território: Casa Minada, Nacasa, Florianópolis/SC

Panema sob o viés da Etnografia – Revisão¹³

8__ Sobre a questão de binário e não-binário, o meu ponto é que não consegui abstrair teu corpo feminino do corpo de Panema. Quando vi que você falava em não-binarismo dos corpos para o corpo de Panema, entendo a proposta, mas durante toda a leitura, não consegui abstrair a materialidade que é teu corpo claramente feminino na cena do vídeo, e me pergunto se ao vivo essa não seria uma questão com quem assistisse também. Pergunto isso porque talvez muita gente também não "abstraia", apesar de ser muitíssimo forte o que você/Panema fazem. Essa é talvez uma problematização sem muito sentido, pois eu não sei te apontar nenhuma "solução" (nem sei se precisa, nem sei onde seria, se em um tipo de "máscara corporal" na performance ou esmiuçar mais essa questão no próprio texto). Mas seria um ponto interessante de conflito entre o que Panema quer e a materialidade do teu corpo enquanto Panema faz uso dele.

considerações de Jussyanne Emidio

território: atividade em sala do Seminário Temático *Escrita e produção de conhecimento na experiência etnográfica - um diálogo com o Teatro*, sob orientação da Profa. Dra. Tereza Mara Franzoni

¹³ Título do texto enviado à colega de classe Jussyanne Emidio, artista e pesquisadora doutoranda da área do Teatro pela UDESC, para análise e subseqüente correção, dando origem a esta versão final: *Panema sob o viés da Etnografia*.